



NECESIDADES EDUCATIVAS ESPECIALES

BEM-ESTAR PSICOSSOCIAL E UTILIZAÇÃO PROBLEMÁTICA DE INTERNET NUMA AMOSTRA DE ESTUDANTES DOS ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO

Antónia Maria Jimenez Ros
Vítor Manuel Pacheco Gamboa
Sara Margarida Duarte
Universidade do Algarve

RESUMO

La gran mayoría de las personas utiliza Internet de forma saludable. Existe, no obstante, un grupo reducido de utilizadores que presentan un Uso Problemático de Internet (UPI) con consecuencias psicológicas, sociales, académicas y/o profesionales. Algunos estudios encontraron evidencia de una asociación entre el UPI y algunas variables de bien-estar psicosocial. La utilización que se hace de esta tecnología requiere una mayor atención cuando se trata de niños y adolescentes sobre todo si puede causar problemas o interferir en el día a día de los mismos.

En este trabajo, nos propusimos conocer los padrones de utilización de Internet de una muestra de estudiantes del Algarve, Identificar el posible uso problemático que realizan de la misma y analizar en que medida las variables de bienestar psicosocial contribuyen para explicar el UPI y las consecuencias negativas derivadas de la utilización de Internet.

Participaron en este estudio 123 alumnos de ESO y Bachillerato, la mayoría (60%) de sexo masculino. La media de edades fue de 16,51 años (DP = 1.72).

Todos los participantes cumplieron inventarios de patrones de utilización de Internet, ansiedad social, autoestima, depresión y UPI.

Los resultados mostraron que solamente el 1,6% de los estudiantes realizaba un uso problemático de Internet y que, tanto la autoestima como la ansiedad social explicaban de forma significativa el UPI (con el 23,3% y el 30,8% de variancia, respectivamente). Estos resultados proporcionan apoyo empírico a favor del modelo Cognitivo-conductual de Davis (2001) que considera una auto-estima baja y la ansiedad social como causas necesarias para el uso problemático de Internet

Palabras Clave: Uso problemático de Internet, autoestima, ansiedad social, depresión



BEM-ESTAR PSICOSSOCIAL E UTILIZAÇÃO PROBLEMÁTICA DE INTERNET NUMA AMOSTRA DE ESTUDANTES DOS ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO

INTRODUÇÃO

A Internet é o último de uma série de avanços na comunicação interpessoal, a seguir ao telégrafo, telefone, rádio e televisão. Combina as principais características dos predecessores, tais como unir grandes distâncias e alcançar audiências em massa, com características inovadoras. Entre as mais polémicas destas últimas, encontram-se o relativo anonimato ao que podem recorrer os utilizadores e a possibilidade de aceder a grupos nos que se podem conhecer pessoas com interesses e valores similares (Bargh & McKenna, 2004).

Mais de 6.500 milhões de pessoas, em todo o mundo, têm acesso a esta tecnologia o que equivale a 18,9% da população mundial. Europa, com uma percentagem de 41.7%, encontra-se em terceiro lugar na taxa de penetração de Internet a seguir à América do Norte e a Austrália/Oceânia ("Internet World Statistics," 2007). Portugal está dentro dos padrões de utilização europeus. A percentagem de utilizadores de Internet na população total (16 a 74 anos) é 40%. Lisboa, Algarve e Centro são as regiões onde a utilização das TIC é maior. No Algarve, 39% das pessoas utilizam Internet ("A Sociedade da Informação em Portugal", 2007).

A psicologia começou a estudar este fenómeno há alguns anos tendo-se centrado fundamentalmente no impacto que o uso da Internet provoca nos utilizadores e na sociedade em geral. São numerosos os estudos que reflectem os efeitos benéficos que a Internet tem para o bem-estar dos indivíduos. A revista *Computer Behavior* lançou em 2007 um número especial destinado ao estudo da relação positiva entre o bem-estar psicossocial e utilização de Internet. No entanto são também numerosos os estudos que analisam as consequências negativas que este meio pode causar em quem o utiliza. Neste contexto tem-se chegado a falar, e inclusive a propor, critérios para o diagnóstico de uma nova patologia denominada de Adição ou Dependência de Internet (Beard & Wolf, 2001; Goldberg, 1996; Young, 1998). Os argumentos que os defensores desta aproximação esgrimem, fazem referência sobre tudo às consequências negativas de uma utilização excessiva da mesma, perda de controlo do tempo de duração da ligação, deterioro das relações sociais e familiares e consequências negativas nas actividades académicas e laborais, aumento do desejo de estar ligado e sentimentos de culpa (Black, Belsare, & Schlosser, 1999; Blanco, Anglada, Fernández-Pérez, & Arbonès, 2002). Com tudo, esta adição à Internet nada tem a ver com o que verdadeiramente caracteriza às dependências (tolerância, dependência, síndrome de abstinência...) e os critérios diagnósticos propostos também não têm sido aceites nem pela Associação Americana de Psicologia, nem pela Organização Mundial da Saúde. São também numerosas as críticas que têm sido realizadas a este conceito: (a) ainda não existe consenso acerca do que é "normal" e "anormal" em Internet, (b) a maioria das investigações realizadas sobre a adição a Internet são estudos exploratórios, recorrem a amostras auto-seleccionadas e não apresentam grupos de controlo (DeAngelis, 2000), (c) Alguns autores consideram que talvez as consequências pessoais, profissionais e sociais atribuídas a este fenómeno possam, na realidade, ser apenas sintomas de outras perturbações ou problemas psicológicos primários (Shaffer, Hall, & Vander Bilt, 2000) e, (d) as investigações publicadas carecem de aproximações teóricas de referência e não conseguem estabelecer relações causais entre as consequências descritas e a utilização de Internet incorrendo na falácia de "ignorar a causa comum" (Grohol, 2005).

Davis (2001) concorda com algumas das críticas anteriores e considera que o termo adição não será o mais adequado pois faz referência a uma dependência psicofisiológica entre uma pessoa e um estímulo, geralmente uma substância; pelo que propõe o termo uso patológico de Internet (*pathological Internet use*) e elabora um modelo teórico de inspiração Cognitivo-comportamental para explicar a origem e manutenção do mesmo. Distingue dois subtipos de uso patológico de Internet: o



NECESIDADES EDUCATIVAS ESPECIALES

subtipo específico e o generalizado. O subtipo específico faz referência às situações em que os indivíduos realizam um uso patológico da Internet com propósitos concretos tais como sexo ou jogo *online* enquanto que o subtipo generalizado descreve um abuso mais geral e multidimensional da Internet. Davis (2001) definiu o uso saudável da Internet como aquele que tem um fim específico e um gasto de tempo sem desconforto cognitivo ou comportamental. Pessoas que usam a Internet de forma saudável conseguem separar a comunicação *online* da comunicação face a face. Usam a Internet como ferramenta útil para as actividades do dia a dia e não como um meio de construção da identidade. Em contraposição, um uso excessivo ou patológico de Internet caracteriza-se, entre outros aspectos, por pensamentos obsessivos acerca da Internet, diminuição no controlo dos impulsos e incapacidade para a finalização das sessões. Este uso patológico se traduz em consequências negativas para si próprio e para os outros. Estas consequências manifestam-se quer a nível cognitivo (distorções cognitivas acerca de si mesmo: pensamentos de baixa auto-eficácia, dúvida de si mesmo, pensamentos baixa auto-estima; e/ou distorções acerca do mundo: generalizações excessivas acerca da Internet e pensamento dicotómico), quer a nível comportamental (incapacidade para parar com um uso excessivo, gastar muito dinheiro em tráfego de Internet e passar muito tempo *online*) e têm repercussões negativas a nível social, académico e profissional. Este modelo enfatiza o papel causal das variáveis cognitivas mas também o contributo de outras variáveis actuais tais como o isolamento social ou uma rede de suporte social insuficiente e de variáveis mais antigas tais como determinadas características psicopatológicas entre as que inclui a depressão, a ansiedade social e a dependência de substâncias, entre outras.

Na mesma linha de Davis, Caplan (2002) adopta o termo Uso Problemático de Internet (*Problematic Internet Use [PIU]*) proposto por Beard e Wolf (2001) para definir o uso de Internet que provoca, na vida da pessoas, dificuldades psicológicas, sociais, académicas e/ou profissionais. Para este autor, o termo problemático é mais apropriado pois alberga menos dissonâncias teóricas do que outras nomenclaturas para descrever estes comportamentos.

Alguns estudos mostram que uma pequena percentagem de indivíduos realiza um uso problemático da Internet (e.g. Davis, Flett, & Besser, 2002; Morahan-Martin & Schumacher, 2000; Pratarelli & Browne, 2002; Pratarelli, Browne, & Johnson, 1999). Outros estudos, a maioria realizados com amostras de jovens estudantes, mostram evidência acerca de uma associação entre esta utilização problemática e variáveis psicossociais e resultados negativos no trabalho e em casa (Fortson, Malone, Del Ben, Scotti, & Chen, 2008; Gross, 2004; Ha et al., 2007; Kraut, Kiesler, Mukhopadhyay, Scherlis, & Patterson, 1998; Morahan-Martin & Schumacher, 2003; Sanders, Field, Diego, & Kaplan, 2000). De acordo com o modelo conceptual de Caplan (Submitted), um indivíduo que sofra de problemas psicossociais tenderá a desenvolver percepções negativas das suas competências sociais, que o conduzirão à preferência pelo estabelecimento de interações sociais *online* (POSI), no lugar das tradicionais face-a-face. Esta preferência poderá levar o utilizador a auto-regular de forma deficiente a utilização que faz da Internet (a través do aumento da preocupação cognitiva por estar *online* e uso compulsivo da mesma) e a utiliza-la para regular o humor (o que, pela sua vez, aumentará a auto-regulação deficiente da mesma). Esta auto-regulação deficiente traduzir-se-á, em última instância, em consequências negativas em diversos níveis da vida quotidiana do indivíduo (económico, académico/laboral, familiar, social, etc).

Existem, em suma, existem evidências contraditórias acerca dos efeitos que a utilização da Internet causa nas pessoas em geral e nos jovens em particular. Parece existir, no entanto, uma pequena percentagem de pessoas que realiza um uso problemático da mesma, tendo sido encontradas relações entre este uso problemático e as consequências dele derivadas e algumas variáveis psicossociais (auto-estima, ansiedade social, depressão, etc.) e padrões de utilização. O estudo destes



BEM-ESTAR PSICOSSOCIAL E UTILIZAÇÃO PROBLEMÁTICA DE INTERNET NUMA AMOSTRA DE ESTUDANTES DOS ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO

aspectos torna-se especialmente importante nos jovens, que em geral apresentam elevadas taxas de utilização de Internet, pela sua susceptibilidade para o desenvolvimento de psicopatologia. Propusemos, neste trabalho, conhecer os padrões de utilização de Internet de uma amostra de estudantes do Algarve, identificar o possível uso problemático que realizam da mesma e estudar as associações entre os padrões de utilização, as variáveis de bem-estar psicossocial e o uso problemático e as consequências negativas derivadas do mesmo.

MÉTODO

Participantes

Participaram no estudo 123 alunos dos ensinos básico e secundário dos quais 60% eram rapazes. Relativamente ao nível de escolaridade, 33,3% cursavam o 9º ano, 29,3% o 10º ano, 19,5% o 11º ano e 17,9% o 12º ano de escolaridade. As idades variaram entre os 14 e os 22 anos, com uma média de 16,51 anos ($DP = 1.72$). A grande maioria dos alunos situou-se no nível sócio económico médio (91,1%).

Instrumentos

Questionário Sócio-Demográfico e de padrões de utilização da Internet

Foi elaborado um questionário para a recolha de dados sócio-demográficos e de padrões de utilização de Internet.

Escala de Ansiedade Social para Adolescentes [*Social Anxiety Scale for Adolescents, SAS-A*] (La Greca & Lopez, 1998). Adaptação Portuguesa de Cunha, Gouveia, Alegre e Salvador (2004).

A SAS-A é um instrumento de auto-resposta constituído por 22 itens, 4 dos quais são neutros e não contabilizam para o total. Avalia as experiências de ansiedade social dos adolescentes entre os 12 e os 18 anos. Os itens são avaliados numa escala tipo *Likert* de 5 pontos, em que 1 corresponde a "De forma nenhuma" e 5 a "Todas as vezes". A pontuação total obtida pode, assim, oscilar entre o mínimo de 18 e o máximo de 90.

A versão portuguesa apresentou uma estrutura factorial idêntica à original, uma adequada consistência interna quer para o total da escala ($\alpha = .88$), quer para os factores que a compõem ($\alpha = .87$ para o factor FNE; $\alpha = .74$ para o factor SAD-N e $\alpha = .71$ para a escala SAD-G) e uma boa estabilidade temporal ($r = .74$).

Escala de Auto-estima de Rosenberg [*The Rosenberg Self-Esteem Scale*] (Rosenberg, 1985). Adaptação portuguesa de Azevedo e Faria (2004).

A Escala de Rosenberg é uma medida unidimensional, constituída por 10 itens (cinco positivos e cinco negativos) que avaliam a auto-estima global. Para cada questão existem seis possibilidades de resposta: A – "Concordo totalmente", B – "Concordo", C – "Concordo parcialmente", D – "Discordo parcialmente", E – "Discordo" e F – "Discordo totalmente". A pontuação total pode-se situar entre 10 e 60. A versão portuguesa aplicada a estudantes apresentou uma boa consistência interna ($\alpha = .86$) e uma estrutura unifactorial (Faria, Pepi, & Alesi, 2004).

Inventário Depressivo de Beck [*Beck Depression Inventory, BDI*] (Beck, Rush, Shaw, & Emery, 1979). Adaptação portuguesa de Vaz Serra e Pio Abreu (Vaz Serra & Pio Abreu, 1973a, 1973b).



NECESIDADES EDUCATIVAS ESPECIALES

O BDI é um inventário de auto-resposta e destina-se a medir a severidade dos sintomas depressivos. É constituído por 21 itens que reflectem diferentes manifestações da depressão. Cada item consiste em 4 afirmações ordenadas segundo a severidade do sintoma. O sujeito deve escolher aquela que considera mais próxima do seu estado actual. Cada alternativa tem um peso que vai de 0 a 3. A pontuação atingida por determinado indivíduo é obtida pela soma do total dos itens.

[*Generalized Problematic Internet Use Scale 2, GPIUS2*] (Caplan). Adaptação portuguesa de Duarte, Gambôa, Ros e Carmo (2007).

A GPIUS2 é uma versão revista e actualizada da "Generalized Problematic Internet Use Scale, GPIUS" (Caplan, 2002) que pretende medir quatro construtos: (1) preferência pela interacção social *online* (inclui itens para avaliar a preferência pela interacção social *online* em detrimento da comunicação face a face), (2) regulação de humor (incluiu os itens acerca da utilização da Internet para produzir mudanças nos estados afectivos negativos), (3) auto-regulação deficiente que integra duas subescalas: uma de uso compulsivo e outra de preocupação cognitiva. A subescala de uso compulsivo agrupa os itens que envolvem uma inabilidade para controlar, reduzir, ou parar o comportamento *online*, junto com sentimentos de culpa sobre o tempo gasto *online* e a de preocupação cognitiva os itens sobre dificuldades por permanecer longe da Internet, e (4) consequências negativas (contém os itens que evidenciam problemas derivados do uso da Internet de ordem pessoal, social, e profissional).

Os resultados da adaptação portuguesa mostraram que a escala apresentava globalmente uma boa consistência interna ($\alpha = .88$). Na análise da consistência interna das 5 subescalas foram encontrados valores alpha que oscilaram entre .67 (consequências negativas) e .82 (preocupação cognitiva). Estes valores foram ligeiramente inferiores aos apresentados por Caplan (submitted). A validade interna dos itens, dada pelo coeficiente item x total corrigido, foi também bastante satisfatória pois os valores se situaram entre .37 (item 10) e .75 (item 13). Quanto à estabilidade temporal da GPIUS2, obteve-se uma correlação de .87, o que, com 4 semanas de intervalo, se revela um índice bastante satisfatório (Moreira, 2004).

Procedimento

O conjunto dos instrumentos foi distribuído pelas escolas previamente seleccionadas. Foi concedida autonomia às mesmas para a escolha das turmas e alunos que, de forma colectiva, responderiam ao questionário.

RESULTADOS

Padrões de utilização de Internet

A média de horas de utilização diária da Internet foi 2,30 e o tempo total de utilização 2,68 anos. Das aplicações, a mais utilizada foi o Messenger (média = 4,11; DP = 1.60), seguida pela World Wide Web (WWW) (média = 4,01; DP = 1.40), e-mail (média = 1.3,09; DP = 1.78), e finalmente o chat com uma utilização consideravelmente mais baixa (média = 1,75; DP = 1.42). Foram encontradas diferenças, em função do sexo, apenas na utilização da WWW que foi significativamente mais elevada nos rapazes ($t(2.681)$, $p = .000$) do que nas raparigas.



BEM-ESTAR PSICOSSOCIAL E UTILIZAÇÃO PROBLEMÁTICA DE INTERNET NUMA AMOSTRA DE ESTUDANTES DOS ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO

No que se refere ao principal motivo para a utilização da Internet, os participantes dividiram-se em dois grupos, 46,34% utilizavam maioritariamente a Internet para trabalhos e os restantes a utilizavam principalmente para lazer. Este último grupo permanecia significativamente mais horas por dia ligado ($t(-3.755)$, $p = .029$) e apresentava significativamente uma maior utilização da WWW ($t(-.973)$, $p = .028$), do Messenger ($t(-2.903)$, $p = .000$) e do e-mail ($t(-1.551)$, $p = .031$) do que o grupo que utilizava a Internet maioritariamente para trabalho.

A maioria dos sujeitos possuía Internet em casa (62,60%) e apresentava significativamente uma maior utilização diária da mesma ($t(6.128)$, $p = .001$) e do Messenger ($t(4.996)$, $p = .000$) do que os que não dispunham desta tecnologia.

A grande maioria (60,16%) da amostra acedia através de casa. Foram encontradas diferenças estatisticamente significativas na utilização diária da Internet em função do local de acesso à mesma ($F(11.723)$, $p = .000$). A utilização diária foi significativamente superior nos indivíduos que acediam à Internet desde casa seguidos pelos que o faziam desde a casa de amigos, e finalmente, pelos que acediam desde centros de informática. Ainda em função do local de acesso, foram encontradas diferenças significativas na utilização do Messenger ($F(5.493)$, $p = .000$) que foi superior para os indivíduos que acediam à Internet a partir de casa, seguidos pelos que acediam desde os centros de informática, e pelos que acediam preferencialmente desde a escola.

Não se registaram diferenças significativas nos resultados obtidos em função do nível sócio-económico e do tempo total de utilização da Internet.

Uso problemático da Internet

Os estudantes apresentaram, em média, um uso problemático da Internet, avaliado pela escala GPIUS2, médio-baixo (média = 30,11; DP = 11,04; mínimo 15; máximo 64) -Apenas 1,6 % dos estudantes obtiveram uma pontuação total utilização problemática de Internet igual ou superior a 60 pontos - ; uma preocupação cognitiva por estar *online* moderada (média = 6,92; DP = 3,15); assim como uma moderada preferência pela interação social *online* (média = 6,89; DP = 3,0), e também um moderado uso compulsivo da Internet (média = 6,41; DP = 3,04). Referiram utilizar pouco a Internet para regular o humor (média = 5,33; DP = 2,99) e retirar poucas consequências negativas pela utilização da mesma (média = 4,56; DP = 2,35).

Os alunos do 9.º ano apresentaram uma maior preferência pela interação social *online* mas esse resultado diminuiu à medida que aumentava o ano de escolaridade ($F(3.476)$, $p = .018$). A diferença de médias foi significativa ao nível de .05 entre o 9.º ano e 11.º ano, bem como entre o 9.º ano e 12.º ano e por último entre o 10.º ano e o 12.º ano.

A utilização de Internet para regulação do humor foi significativamente superior nos indivíduos que acediam a partir da escola e biblioteca e significativamente inferior nos que acediam através da casa de amigos ($F(3.352)$, $p = .012$).

Análise das relações entre as variáveis de bem-estar psicossocial/padrões de utilização de Internet e uso problemático/consequências negativas

Em geral os sujeitos apresentaram níveis baixos de depressão (média = 8; DP = 9,63; Máximo 63; mínimo 0) e ansiedade social (média = 41,68; DP = 13,31) e níveis moderados de auto-estima (média = 37,74; DP = 4,50).

Para estudar em que medida as variáveis de Bem-estar Psicossocial e de utilização de Internet explicavam o uso problemático e as consequências negativas obtidas pelos estudantes foram realizadas análises de regressão múltipla cujos resultados se sintetizam na Tabela 1. Foi utilizado o método



NECESIDADES EDUCATIVAS ESPECIALES

stepwise que resultou na exclusão das seguintes variáveis preditivas: depressão, utilização diária da Internet; w.w.w., chat, e-mail, local de acesso à Internet e tempo de utilização da Internet para a Variável Dependente Uso problemático de Internet e utilização diária da Internet, tempo de utilização da Internet w.w.w., chat, Messenger, e-mail, local de acesso à Internet, depressão, ansiedade social, sub-escala preocupação cognitiva e sub-escala regulação de humor para a variável Consequências negativas.

A auto-estima geral, a ansiedade social e a utilização do *messenger* contribuíram para explicar positivamente 28,6% da variabilidade do uso problemático de Internet; pela sua vez, a preferência pela interacção social *online*, o uso compulsivo e a auto-estima contribuíram para explicar positivamente 34,5% da variabilidade das consequências negativas obtidas pelos sujeitos.

Tabela 1 . Variáveis preditivas para o total da escala GPIUS2 Coeficientes β e para a sub-escala de consequências negativas.

Variável dependente	Variáveis preditivas	β	T	Sig
Uso problemático de I	Auto-estima	.239	2.843	.005
	Ansiedade Social	.295	3.455	.001
	Utilização do Messenger	.286	3.405	.001
	R ² .237			
Consequências negativas	Uso Compulsivo	.348	4,369	.000
	Auto-Estima	.245	3.105	.002
	POSI	.190	2.894	.005
	R ² .345			

DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

Os resultados obtidos revelam que os sujeitos se dividem entre a utilização de Internet para a realização de trabalhos académicos e para lazer. Quando utilizada com esta finalidade, a Internet serve como instrumento de comunicação fundamentalmente para o estabelecimento e/ou manutenção de relações interpessoais, em especial entre as raparigas e para os jovens que acediam desde casa. Estes resultados vêm de encontro aos obtidos por outros autores (e.g. Gross, 2004; Jackson, Ervin, Gardner, & Schmitt, 2001) que encontraram que os rapazes preferem jogar jogos *online*, que estão disponíveis na W.W.W. enquanto que as raparigas utilizam mais o *e-mail* ou o *Messenger*.

Como era de esperar, poucos estudantes manifestaram realizar um uso problemático da Internet e obter consequências negativas desse uso.

Verificou-se que quanto mais alto for o ano de escolaridade menor era a preferência pela interacção social *online*, o que pode ser explicado pela diferença de idades e de autonomia, ou seja os jovens mais velhos da nossa amostra (que em regra frequentam anos de escolaridades mais elevados) possuem uma maior autonomia para sair e contactar com os pares numa comunicação face-a-face. Os mais novos, com menos autonomia, recorreriam mais frequentemente à Internet para comunicar com os pares.

A regulação do humor assumiu valores significativamente mais elevados nos indivíduos que acediam à Internet a partir da escola e biblioteca do que os que acediam da casa de amigos, o que pode indicar que aqueles que têm relações de amizade significativas (já que acedem frequentemente à Internet na casa destes) e não estão sós, não procuram a Internet como potenciadora de regulação de



BEM-ESTAR PSICOSSOCIAL E UTILIZAÇÃO PROBLEMÁTICA DE INTERNET NUMA AMOSTRA DE ESTUDANTES DOS ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO

humor.

As variáveis que melhor explicaram o uso problemático da Internet foram a utilização do *Messenger*, a ansiedade social e a auto-estima. Estes resultados são consistentes com os obtidos por Caplan (2002), que afirma que os sujeitos tímidos e com baixa auto-estima utilizam a Internet para a obtenção de um sentimento de controlo social, com o estudo de Blanco et al. (2002) que encontrou que os sujeitos mais ansiosos e disfuncionais em termos sociais manifestavam um maior uso problemático de Internet. E, ainda, com os resultados obtidos por Shepherd e Edelmann (2005) que encontraram que a baixa auto-estima predizia a utilização de Internet para enfrentar os medos sociais e que a ansiedade social comórbida podia também influenciar esse uso. Estes resultados proporcionam suporte para o modelo de Davis (2001) que considera como sintomas cognitivos proximais do uso problemático da Internet a baixa auto-estima e ansiedade social.

A depressão não mostrou efeitos significativos sobre o uso problemático de Internet. Este resultado contraria o enunciado por Davis (2001) mas é congruente com os resultados obtidos por Caplan (2003) e Shepherd e Edelmann (2005).

A utilização do *Messenger* (aplicação mais utilizada pela amostra) joga um papel significativo no uso problemático da Internet. Este resultado parece vir a reforçar a ideia da Internet como facilitador social e é congruente com os obtidos por Gross, Juvonen e Gable (2002). Através destas mensagens, os jovens comunicam com amigos, e referem ser capazes de dizer coisas que de outra forma não diriam, comunicam com desconhecidos, beneficiando do anonimato e da ausência da ansiedade habitual das relações face a face que a Internet lhes oferece (Hall & Parsons, 2001).

As variáveis que contribuíram para explicar significativamente as consequências negativas do uso da Internet foram a auto-estima e as sub-escalas POSI e uso compulsivo. Estes resultados suportam parcialmente o modelo formulado por Caplan (*Submitted*) de acordo com o qual as consequências negativas viriam determinadas pela auto-regulação deficiente que contempla o uso compulsivo mas também a preocupação cognitiva. Pela sua vez, a auto-regulação deficiente viria determinada pela POSI. São também congruentes com os obtidos por Forston et al. (2008).

Apesar de das limitações que podem ser apontadas a este estudo e que se prendem essencialmente com a adequação de algum itens do GPIUS à amostra seleccionada e com o tamanho da mesma, estes resultados preliminares parecem sugerir que o bem-estar psicossocial joga um papel essencial para prever resultados negativos do uso da Internet.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Azevedo, A., & Faria, L. (2004). A auto-estima no ensino secundário: Validação da Rosenberg Self-Esteem Scale. In C. Machado, L. S. Almeida, M. Gonçalves & V. Ramalho (Eds.), *Actas da X Conferência Internacional de Avaliação Psicológica: Formas e Contextos* (Vol. vol. X, pp. 415-421). Braga: Psiquilíbrios Edições.
- Bargh, J., & McKenna, K. (2004). The Internet and Social Life. *Journal Review of Psychology*, 55, 573-590.
- Beard, K. W., & Wolf, E. M. (2001). Modification in the proposed diagnostic criteria for Internet addiction. *CyberPsychology & Behavior*, 4(3), 377-383.
- Beck, A. T., Rush, A. J., Shaw, B. F., & Emery, G. (1979). *Cognitive Therapy of Depression*. New York: Guilford.



NECESIDADES EDUCATIVAS ESPECIALES

- Black, D. W., Belsare, G., & Schlosser, S. (1999). Clinical features, psychiatric comorbidity, and health-related quality of life in persons reporting compulsive computer use behavior. *The Journal of clinical psychiatry*, 60(12), 839-844.
- Blanco, M., Anglada, M., Fernández-Pérez, m., & Arbonès, M. (2002). Problemas conductuales relacionados con el uso de Internet: Un estudio exploratorio. *Anales de Psicología*, 2, 273-292.
- Caplan, S. E. A Two-Step Approach to Studying Generalized Problematic Internet Use: Measurement and Structural Considerations. *Submitted for publication*.
- Caplan, S. E. (2002). Problematic Internet use and psychosocial well-being: development of a theory-based cognitive-behavioral measurement instrument. *Computers in Human Behavior*, 18(5), 553-575.
- Caplan, S. E. (2003). Preference for online social interaction - A theory of problematic Internet use and psychosocial well-being. *Communication Research*, 30(6), 625-648.
- Cunha, M., Gouveia, J., Alegre, S., & Salvador, M. (2004). Avaliação da ansiedade social na adolescência: a versão portuguesa da SAS-A. *Psicologica*, 35, 249-263.
- Davis, R. A. (2001). A cognitive-Behavioral model of pathological internet use. *Computers in Human Behavior*, 17, 187-195.
- Davis, R. A., Flett, G. L., & Besser, A. (2002). Validation of a New Scale for Measuring Problematic Internet Use: Implications for Pre-employment Screening. *CyberPsychology & Behavior*, 5(4), 331-345.
- DeAngelis, T. (2000). Is Internet addiction real? *Monitor on Psychology*, 31(4).
- Duarte, S., Gamboa, V., Ros, A., & Carmo, C. (2007). Utilización problemática de internet: estudio de las principales características psicométricas del GPIUS2 (Generalized Problematic Internet Use Scale 2) en una muestra de jóvenes portugueses. Poster apresentado no V World Congress of Behavioural and Cognitive Therapies. Barcelona, Espanha. Julho, 2007.
- Faria, L., Pepi, A., & Alesi, M. (2004). Concepções pessoais de inteligência e auto-estima: Que diferenças entre estudantes portugueses e italianos? *Análise Psicológica*, 4(XXII), 747-764.
- Fortson, B. L., Malone, J., Del Ben, K. S., Scotti, J. R., & Chen, Y.-C. (2008). Internet use, abuse, and dependence among students at a southeastern regional university. *Journal of American College Health*, 56(2), 137-144.
- Goldberg, I. (1996). Internet Addiction: Internet Addiction Support Group.
- Grohol, J. M. (2005, Last Update Date). Internet Addiction Guide. Extraído em 21 de Janeiro, 2008, de <http://psychcentral.com/netaddiction/>
- Gross, E. F. (2004). Adolescent Internet use: What we expect, what teens report. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 25(6), 633-649.
- Gross, E. F., Juvonen, J., & Gable, S. L. (2002). Internet use and well-being in adolescence. *Journal of Social Issues*, 58, 75-90.
- Ha, J. H., Kim, S. Y., Bae, S. C., Bae, S., Kim, H., Sim, M., et al. (2007). Depression and Internet addiction in adolescents. *Psychopathology*, 40(6), 424-430.
- Hall, A., & Parsons, J. (2001). College Student Case Study using Best Practices in Cognitive Behavior Therapy. *Journal of Mental Health Counseling*, 4, 312-327.
- Internet World Statistics. (2007, Last Update Date). Extraído em 17 de Janeiro, 2008, de <http://www.internetworldstats.com/>
- Jackson, L. A., Ervin, K. S., Gardner, P. D., & Schmitt, N. (2001). Gender and the Internet: Women Communicating and Men Searching. *Sex Roles: A Journal of Research*, 44(5-6), 363-379.



BEM-ESTAR PSICOSSOCIAL E UTILIZAÇÃO PROBLEMÁTICA DE INTERNET NUMA AMOSTRA DE ESTUDANTES DOS ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO

- Kraut, R., Kiesler, S., Mukhopadhyay, T., Scherlis, W., & Patterson, M. (1998). Social impact of the Internet: What does it mean? *Communications of the ACM*, 41(12), 21-22.
- La Greca, A., & Lopez, N. (1998). Social Anxiety among adolescents: linkages with peer relations and friendship. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 26(2), 83-94.
- Morahan-Martin, J., & Schumacher, P. (2000). Incidence and correlates of pathological Internet use among college students. *Computers in Human Behavior*, 16(1), 13-29.
- Morahan-Martin, J., & Schumacher, P. (2003). Loneliness and social uses of the Internet. *Computers in Human Behavior*, 19, 659-671.
- Moreira, J. (2004). *Questionário: teoria e prática*. Coimbra: Almedina.
- Pratarelli, M. E., & Browne, B. L. (2002). Confirmatory factor analysis of Internet use and addiction. *CyberPsychology & Behavior*, 5(1), 53-64.
- Pratarelli, M. E., Browne, B. L., & Johnson, K. (1999). The bits and bytes of computer/Internet addiction: a factor analytic approach. *Behavior research methods, instruments, & computers*, 31(2), 305-314.
- Rosenberg, M. (1985). Self-concept and psychological well-being in adolescence. In R. L. Leahy (Ed.), *The development of the self*. London: Academic Press.
- Sanders, C., Field, T., Diego, M., & Kaplan, M. (2000). The Relationship of Internet Use to Depression and Social Isolation among Adolescents. *Adolescence*, 35(138), 237-242.
- Shaffer, H. J., Hall, M. N., & Vander Bilt, J. (2000). "Computer addiction": A critical consideration. *American Journal of Orthopsychiatry*, 70(2), 162-168.
- Shepherd, R. M., & Edelmann, R. J. (2005). Reasons for internet use and social anxiety. *Personality and Individual Differences*, 39(5), 949-958.
- "A Sociedade da Informação em Portugal". (2007). Extraído de http://www.osic.unic.pt/publicacoes/SI_em_Portugal_2007_PT.pdf.
- Vaz Serra, A., & Pio Abreu, J. (1973a). Aferição dos quadros clínicos depressivos I. - Ensaio da aplicação do "Inventário Depressivo de Beck" a uma amostra portuguesa de doentes deprimidos. *Coimbra Médica*, 20(623-644).
- Vaz Serra, A., & Pio Abreu, J. (1973b). Aferição dos quadros clínicos depressivos II. - Estudo preliminar de novos agrupamentos sintomatológicos para complemento do "Inventário Depressivo de Beck". *Coimbra Médica*, 20, 623-644.
- Young, K. S. (1998). Internet Addiction: the emergence of a new clinical disorder. *CiberPsychology and Behavior*, 1(3), 237-244.

Fecha de recepción: 1 Marzo 2008

Fecha de Admisión: 12 Marzo 2008